



## CRÓNICA

## CÁ POR MIM

Alice Vieira



## A GUARDIÃ DA CASA

E lá veio a praga dos incêndios.

O País a arder, o fumo a espalhar-se, as pessoas a temerem pelas casas cada vez mais vulneráveis, mortos, prejuízos - e a terrível certeza de que para o ano há mais.

Há sempre mais.

Infelizmente a crise não chegou aqui (a não ser nos meios para nos defendermos).

Nessas alturas olho sempre para a última prateleira da minha estante, e é como se um estranho e doloroso filme passasse diante dos meus olhos.

Devo confessar que muito raramente vou à última prateleira da minha estante (o meu metro e 50 não chega, e nem sempre dá jeito ir buscar o escadote à arrecadação).

Mas nem é preciso lá mexer, basta olhar, para a jarra minúscula de Vista Alegre, fundo branco e flores cor-de-rosa pálido, donde se ergue uma espiga de trigo.

Há quantos anos esta espiga ali está! Ressequida, parece quase daquelas espigas falsas que agora é moda meter pelo meio dos ramos de flores, juntamente com joaninhas de plástico e ananases anões. Mas esta é verdadeira.

Esta espiga veio comigo de S. Paulo há 25 anos. Há exactamente 25 anos - e ainda ali está.

Era Agosto, e eu estava com o meu amigo Vítor Branco, e divertimo-nos muito, e corrimos de forró em forró (para os infelizes que nunca experimentaram, digo apenas que é um casarão imenso, tipo garagem, onde se dança pela madrugada fora) e chegávamos ao hotel de manhã, e era só subir ao quarto para um duche - e ala para o trabalho. Sim, porque estávamos lá a trabalhar, no meio de um Salão do Livro cheio de actividades a que não podíamos faltar. Mas graças a Deus e a Iemanjá, nós sempre soubemos muito bem alliar as duas coisas. Esta é uma das razões (a juntar a muitas outras) por que eu tenho tantas saudades do Vítor Branco, meu colega de faculdade e, anos mais tarde, meu primeiro editor na Caminho.

E nesse Agosto, em S. Paulo, há 25 anos, estávamos mesmo felizes.

Mesmo.

Mas de repente tudo se transformou.

De repente as notícias da rádio, e depois as das televisões, sobrepuseram-se a tudo o mais: Lisboa estava em chamas.

Com todo aquele mar a separar-nos, as notícias eram desencontradas, não se falava do Chiado, falava-se de Lisboa.

Lisboa inteira ardia - era assim que a notícia chegava aos nossos ouvidos.

Era num tempo em que ainda não se sonhava com telemóveis, e as ligações telefónicas eram complicadas.

Lembro-me de que estávamos numa cantina a jantar.

Lembro-me de que já passava das duas da manhã.

Lembro-me de que ficámos de cabeça perdida, a querer ir embora dali o mais depressa possível.

Lembro-me de me levantar da mesa e dizer "vou já para o hotel e de lá para o aeroporto", e o Vítor a berrar que era uma loucura, sozinha àquela hora nas ruas de São Paulo, que não adiantava nada, que esperasse, mas eu não o ouvi, não queria esperar nem mais um minuto que fosse - e sai.

Andei algum tempo à procura de táxi - quando de repente vejo um negro, enorme, meio esfarrapado, a caminhar, de braços abertos, na minha direcção. Com tudo o que nos contavam sobre a violência na cidade, e os assaltos, e os tiros, e a voz sensata do Vítor na cantina a prevenir "vais-te meter às duas da manhã por uma rua escura de S. Paulo, mas tu estás doida?" - eu pensei: "Pronto, é agora, já nem vou chegar a Lisboa!"

O negro, enorme, sujo, perdido de bêbado e a cambalear, cada vez se aproximava mais, e dizia qualquer coisa que eu não percebia.

Chega junto de mim, a chorar, a tresandar a cachaça e a miséria, limpando as costas da mão à cara imunda com barba de muitos séculos.

Põe uma mão no meu ombro ("é agora...") e estende-me uma espiga, que traz na outra mão.

- "É para você, moça! É para você, porque Lisboa está a arder e eu estou muito triste! Leve a espiga, moça! É para você..."

Ainda hoje não sei como a espiga não se perdeu na barafunda da partida, nas nove horas de viagem, e na emoção da chegada.

Mas cá está, na jarra de Vista Alegre, na última prateleira da estante, a vigiar a casa.

Ainda hoje, 25 anos depois.

E eu sei que nenhum acordo, nenhum convénio, nenhum pacto de amizade luso-brasileiro poderá ter, alguma vez, mais força do que ela.

